



A "Gazeta de Campinas", lutando pela República

O terceiro jornal de Campinas, o bi-semanário "Gazeta de Campinas", lançado em 31 de outubro de 1869, não veio como que descobrindo um grande tesouro. Os proprietários não precisavam disso. Nem o passado da Imprensa campineira fora muito animador. O primeiro, a "Aurora Campineira", não durou mais que dois anos e valeu mais que 15 processos ao redator-chefe João Teodoro de Siqueira e Silva. O "Aurora" se transformou, em 1860, em "O Conservador". Mesmo assim não teve sorte diferente. Depois de dez meses estava fechado. E os campineiros ficaram nove anos sem um jornal, até que surgisse a "Gazeta de Campinas", um jornal de início sem grandes pretensões mas que se transformou com o tempo no porta voz das idéias republicanas.

Como conta Julio Mariano, em seu livro "A História da Imprensa em Campinas", o novo jornal partiu do "entusiasmo de uns moços, mais imbuídos de uns sonhos literários que de qualquer realização material". Os moços: o advogado e poeta Quirino dos Santos; seu irmão, o bacharel e poeta João Quirino dos Santos; e os amigos Jorge Miranda e Campos Sales. Por trás do negócio, o sogro de Francisco, Capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que deu o devido apoio financeiro à empreitada.

Rua de Baixo e Rua Formosa

Os "moços" instalaram a redação da "Gazeta de Campinas" na esquina da Rua de Baixo com rua Formosa, hoje rebatizadas respectivamente de Rua Luzitana e Rua Conceição. Mas nem só de versos viveria o jornal. Os moços foram ficando audaciosos. Nada de trono, nada de altar. Viva a República. Nas páginas do bicentenário somam-se os escritos de Américo Brasiliense e Rangel Pestana.

O governo provincial e mesmo a distante corte não estavam gostando daquela história. Tanto que em março de 1874 surgiu outro bi-semanário, "O Constitucional", dirigido pelo bacharel João Gabriel de Moraes Navarro. Católico e monarquista, o jornal trazia no cabeçalho as palavras "Deus e Pátria". Saiu de cena dois anos depois.

Um forte concorrente

No final daquela década, volta à história o combativo João Teodoro, fundador da "Aurora Campineira". Não como jornalista, mas por ter vendido a Antonio Duarte de Moraes Sarmiento, por 300 mil réis, a velha Impressora, que ele havia adquirido em 1858 de Hércules Florence, o inventor da

fotografia. Na impressora, passaria a ser rodado "A Mocidade", o primeiro semanário e o quinto jornal existente de Campinas.

Sarmiento e os sócios Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro estavam tentando a sorte. Mas o jornal teve boa aceitação e logo passou a sair às terças e sextas-feiras. Em 1875, um ano depois de fundado, os donos acharam o antigo nome impróprio e "A Mocidade" se transformou em "Atualidade". Meses depois, ainda insatisfeitos com o título, o jornal se tornaria "Diário de Campinas", a primeira folha diária local. E os três jornalistas e empresários ganharam um novo sócio, o poeta Joaquim de Toledo.

Um poeta de quinta categoria, como diziam os inimigos daquele quarteto que se instalara na imprensa da orgulhosa Campinas. Os doutores, principalmente os da "Gazeta de Campinas" que ficara a um segundo plano, gostavam de recordar o passado dos quatro jornalistas. Joaquim de Toledo, segundo o historiador Alberto Faria, contemporâneo do quarteto, gostava de recitar ao piano versos alheios - Castro Alves quase sempre - e antes de se arriscar no jornalismo fora um aprendiz de pai-deiro.

Os outros três também não escapavam. Sarmiento fora ajudante de guarda-livros; Henrique de Barcelos; "caxeirinho de armazém de ferragens; e José Gonçalves Pinheiro, um alfaiate mal-sucedido. Os bacharéis de Campinas não admitiam de bom grado o sucesso dos proprietários do primeiro jornal diário de Campinas.

A resposta da "Gazeta"

A "Gazeta de Campinas" segundo Julio Mariano, era uma empresa mais sólida financeiramente, mais antiga e "possivelmente mais popular que o "Diário de Campinas". Sem contar que tinha o apoio do primeiro Diretório do Partido Republicano organizado em Campinas. E continuar como bi-semanário seria uma humilhação.

A "Gazeta" começou a sair diariamente em 1876. Mas nessa fase, por influência do seu redator-chefe, o poeta Carlos Ferreira, tomou uma feição mais literária, abandonando em parte os discursos da República. E no mês de maio de 1889, pouco antes da proclamação da República, a "Gazeta de Campinas" deixa de circular. Uma desgraça para seus idealizadores. Depois de 20 anos de existência, em que a pregação republicana esteve quase sempre em suas páginas, a "Gazeta" desaparece. Sem ao menos esperar o 15 de novembro. Mas o "Diário de Campinas" atravessou o século... Bem, isso fica para o "Programase" da próxima semana.

ASSIGNATURA
Campinas
no. 105-000
mensal R\$000

GAZETA DE CAMPINAS

Redactor—O Bacharel F. Quirino dos Santos

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida ao gerente do estabelecimento—JOSÉ MARIA LISB

GAZETA DE CAMPINAS

O Matadouro

A camara municipal do quadriennio passado occupou-se muito desta questao, con- siderando-a na ordem daquellas que exi- gem uma atencao immediata. No intuito de tomar uma deliberação acertada cons- tituiu commissoes, as quaes confiou o exa- me do local, em todos os seus pontos de

mau servico, e os certadores, com justa ra- zão, lançam a responsabilidade a conta da camara, que, impondo-lhes uma contribui- ção não pequena, todavia não lhes propor- ciona os meios com que possam servir me- llhor ao publico.

Não se diga que vai neste reclamo um mero desejo de censurar: o nosso intuito e, ao contrario, por a vista uma necessidade palpante, que deve ser provida com a

nos são dirigidas constantem- tos de nossos assignantes.

Mas, temos fe que ainda e mais. Alguma medida hade tomada, quando menos, pe publico, de quem apenas se organ.

Ca

ENTERIO

• Cabeçalho do "Gazeta de Campinas"